

## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA PEDAGOGIA DO RESPEITO À DIFERENÇA

Letícia Guimarães Araújo\*

### Resumo

Neste artigo pretendemos mapear as definições acerca do que é a educação antirracista e como se constitui o tratamento das questões raciais no espaço escolar. Outro aspecto que visamos destacar é o quanto esta proposta está alinhada com conceitos atuais de qualificação da educação tais como multiculturalismo, interdisciplinaridade e pedagogia de projetos. Descrevemos algumas soluções possíveis no caminho de superação das dificuldades no tratamento das questões étnico-raciais. Desconstruir o paradigma da branquitude através da abordagem das africanidades em sala de aula é fundamental para combater a ampla violência sofrida pelas nossas crianças afro-brasileiras em todos os espaços sociais. É reconstituir autoestima e promover conscientização, construindo uma escola voltada para a cidadania.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista. Multiculturalismo. Africanidades.

### 1. Pedagogia Anti racista: soluções no ambiente escolar.

A autora Eliane Cavalleiro<sup>1</sup> relaciona “sete elementos estruturais” para analisar e pensar um projeto de educação antirracista: 1) o currículo escolar; 2) o material didático; 3) a formação docente; 4) a minimização do problema racial; 5) o universo semântico; 6) a distribuição desigual de afeto e estímulo; 7) e a negação da diversidade racial na composição da equipe de profissionais da escola. É a partir da sua seleção que estruturamos este diálogo com as outras pesquisas estudadas acerca da temática racial na sala de aula, visando caracterizar o cerne da definição de uma pedagogia antirracista.

Por currículo escolar Cavalleiro entende a totalidade das relações que na escola são estabelecidas, sendo este “mais do que uma composição do que deve ser ensinado

---

\* Letícia Guimarães Araújo - Bolsista Cappes/ CNPQ Mestranda EST – Pós Graduada da FAPA História da África e dos Afro-Brasileiros.

<sup>1</sup> CAVALLEIRO IN: SANT'ANNA, 2004, p.26-27.

na disciplina de Português, de História e de Geografia, mas também a maneira como todos os profissionais ali presentes recebem as crianças e seus familiares”, desde “o modo como a merendeira ao distribuir o lanche na escola” às situações que levam a criança a “construir um tipo de conhecimento<sup>2</sup>”. Sendo assim o currículo é composto a todo o momento, pois a criança aprende também através da observação e estas situações demonstram uma visão sobre o mundo e sobre o conhecimento na escola.

Cabe questionar o porquê de os aspectos de natureza ética, nos quais se incluem o respeito à diversidade e a superação da exclusão e da discriminação são considerados como “temas transversais” e não como eixos condutores de todas as atividades educacionais<sup>3</sup>. Centralizar a temática étnica-cultural no currículo escolar é fundamental para a transformação deste elemento, de um aspecto que impede a identificação um aspecto que inclui a diversidade dos rostos brasileiros. Precisamos visualizar estas temáticas como centrais e escolhendo como núcleo a questão afro-indígena.

O autor Hédio sugere também que estas temáticas sejam eixos de reflexão utilizados para todas as etapas deles decorrentes: conteúdos disciplinares a serem ministrados; escolhas de livros didáticos focalizando a natureza ética dos textos, bem como a qualidade de informação sobre aspectos de diversidade humana – física, biológica, social e cultural; tratamento dos temas que se apresentem nos livros textos ou outros suportes didáticos; e, principalmente, uma acurada pré-seleção de todo material que seja produzido pelo Estado, visando a cumprir as metas dos temas que, deixando de ser transversais, seriam eixos de reflexão.

O reduzido e fragmentado conhecimento sobre a história de participação dos afrodescendentes na construção do país e, também, o desconhecimento sobre a história e cultura africana “<sup>4</sup>. Esta falta de informação ajuda a complementar o pensamento de que no continente africano não existiam sociedades complexas, e que por serem estas muito primitivas a escravização foi um bem ofertado para o desenvolvimento destas pessoas. Se no passado este pensamento serviu para justificar a escravidão, hoje segue presente e legitima indiretamente a discriminação. Esquecer

---

<sup>2</sup> CAVALLEIRO IN: SANT’ANNA, 2004, p.27.

<sup>3</sup> SILVA, 2002 p.34.

<sup>4</sup> SANT’ANNA, 2004, p.8.

os Reinos e Impérios Africanos e legitimam o discurso de que a cultura afro-brasileira é naturalmente subalterna e inferior.

Muitos pesquisadores dedicados aos estudos das relações raciais e da história do negro no Brasil identificam esse reduzido e fragmentado conhecimento como um problema que poderia ser superado durante o processo de formação escolar<sup>5</sup>. Estes autores comentam que para além da escravatura devem-se ensinar outros elementos da presença dos descendentes de africanos como participantes ativos na construção do país influenciando desde a economia até inúmeros acontecimentos históricos.

É na memória desta ancestralidade que tem uma rica linha de pensamento orientalizada, mesclada a busca de um currículo afro-centrado que encontramos na autora Petronilha a expressão<sup>6</sup> *africanidades brasileiras* refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia. P.26 No estudo das africanidades é fundamental ultrapassar a exibição do que se considera cultura afro-brasileira e construir junto ao educando o processo pelo qual esta cultura se constituiu. Nas palavras da autora:

Africanidades brasileiras, pois, ultrapassam o dado ou o evento material, como um prato de sarapatel, uma apresentação de rap. Elas se constituem nos processos que geraram tais dados e eventos, hoje incorporados pela sociedade brasileira. Elas se constituem também dos valores que motivaram tais processos e deles resultaram. Então, estudar Africanidades Brasileiras significa estudar um jeito de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e lutar por sua dignidade, próprio dos descendentes de africanos que, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando-nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências, e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles”.<sup>7</sup>

Ao professor ficam desafios importantes para a composição deste currículo diferenciado. Um primeiro desafio é partir dos conhecimentos que os alunos trazem para uma pesquisa mais aprofundada. Eles nas suas comunidades já vivenciam uma

---

<sup>5</sup> SANT'ANNA, 2004, p.8.

<sup>6</sup> SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Africanidades brasileiras: Esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos*. REVISTA DO PROFESSOR, Porto Alegre, Ano 19, Número 73: 26-30, jan./mar. 2003. p.26.

<sup>7</sup> SILVA, 2003, P.26

perspectiva afro-centrada, já partilham esse saber, e anseiam por trazê-lo para a escola. Um segundo desafio é perceber o não saber acerca destas questões e buscar auxílio em formações e livros didáticos. Veremos a seguir que este caminho também não é fácil, pois o material existente muitas vezes reproduz os conceitos da Democracia Racial ao invés de desconstruí-los. Assim fica ao cargo do professor construir o material de trabalho junto aos alunos, mediante pesquisa. Ou selecionar arduamente o que irá utilizar, e trabalhar de forma crítica as falhas que o material possa oferecer.

No que diz respeito ao material didático, “temos a cultura eurocêntrica sendo extremamente valorizada em detrimento de toda a cultura africana”. Paira, então, a ausência de conteúdos, imagens, informações sobre o continente africano, de evidências sobre as resistências empreendidas pela população negra, informações sobre as relações raciais tanto na sociedade brasileira como no sistema de ensino. No entanto, a ausência dessas temáticas, não impede a elaboração de um conhecimento estereotipado e preconceituoso e isso porque se instala a dualidade: “a ausência de conhecimento sobre o grupo africano e o excesso de informações sobre o continente europeu<sup>8</sup>”.

No desvendar as pesquisas acerca do tema<sup>9</sup> em um primeiro momento, os estudos se voltaram para a estereotipia em livros didáticos e paradidáticos, apontadas como responsáveis pelas imagens negativas com as quais alunos negros tinham de conviver e que, portanto, era necessário reconsiderar o livro didático na diversidade racial de seu público-alvo, formulando novas imagens, mais positivas e igualitárias.

A questão de incluir a História da África foi considerada como uma estratégia de recuperação dos fatos, de superação da visão eurocêntrica dos conteúdos, mas também como elemento de valorização da população, num processo que visava à autoestima por meio do conhecimento de suas origens<sup>10</sup>. Apropriar-se desta história é importante para alunos negros e brancos, pois a história do nosso país é incompleta sem a história do continente africano. As sociedades existentes antes do contato com os europeus foram aqui recriadas a partir dos quilombos e nos espaços de resistência como as terreiras. Essa história também precisa adentrar os livros didáticos, a diáspora

---

<sup>8</sup> CAVALLEIRO IN: SANT’ANNA, 2004, p.27.

<sup>9</sup> SILVA, 2002 p.31.

<sup>10</sup> SILVA, 2002 p.40.

negra e sua resistência no Brasil e no mundo, nos mostram lições importantes acerca da constituição da cidadania.

Se por um lado existe o aparato da legalidade e das intenções, por outro, nos deparamos com as dificuldades e despreparo de educadores para efetivar tais propostas. “Professores alegam não ter recebido qualquer tipo de orientação pedagógica sobre a questão racial no Brasil por ocasião de seu curso de formação profissional” e continuam tratando a questão racial e a diversidade humana, como um conteúdo de história e de artes, de caráter efêmero, sem assegurar uma abordagem contínua e transversal<sup>11</sup>. Atuar em consonância com o prisma da “africanidades” é acima de tudo promover uma mudança de olhar acerca dos conteúdos e das metodologias adotadas. Exige conhecimento, para fundamentar as suas ações, e defendê-las mediante o cenário que ainda impera nas nossas escolas. Por isso a formação docente é uma das variáveis importantes neste processo.

A ausência desta formação específica contribui para as atitudes de desconsideração em relação à existência de racismo na sociedade brasileira como um todo e, sobretudo, no cotidiano escolar. Neste ambiente de formação precária dos profissionais de educação dá-se, então, a o fenômeno de minimização do racismo – práticas discriminatórias sendo tidas como inexistentes e os prejuízos aos alunos desconsiderados<sup>12</sup>. São estes os profissionais que não visualizam o racismo na escola, e tampouco a origem étnica de seus alunos. Desconhecem que haja preconceito racial e costumam pregar uma vida cheia de igualdade. Em muitos momentos ouvimos falar “eu nem sei a cor dos meus alunos”, como se não observar as suas diferenças os eximissem de apoiar a discriminação. Na verdade a invisibilidade é uma forma cruel de discriminação que só a conscientização permite atacar.

Na análise da autora Pare<sup>13</sup> a 5a essência (dentre as outras que provocam exclusão do contexto escolar), no modo como a compreendemos, é um retrato sem retoques do que se pode observar da formação de professores, da aplicação de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem – muitas vezes improvisadas – e o despreparo para lidar com as manifestações de racismo, em que a discriminação

---

<sup>11</sup> SILVA, 2002 p.32.

<sup>12</sup> SANT’ANNA, 2004, p.27.

<sup>13</sup> PARE IN: SILVA, 2002 p.44.

parece operar como um mediador entre as falhas de formação e quem deve ser onerado por essas falhas. Assim fica evidente que a utilização de uma educação antirracista deve ser incorporada em todos os níveis de conhecimento. Somente assim poderemos superar o problema da formação docente. Neste tópico transparece a necessidade de um planejamento para as aulas, que os professores enquanto equipe tenham momentos de encontro para planejamento conjunto. Há também uma necessidade de elaboração do regimento e plano político pedagógico e a apropriação destes pelos professores, pois assim o grupo terá uma metodologia de trabalho e uma fala semelhante junto aos educandos.

A autora Pare<sup>14</sup> ainda destaca que as duas últimas essências residem na conseqüência da formação etnocêntrica dos professores. O desenvolvimento no aluno nas possibilidades de revidar o racismo, como parte da formação de uma consciência negra. Cabe destacar que o educando quando discriminado é festejado com a sua não reação. Quando essa resposta precisa ser dada e eu não conheço os meios adequados, como a argumentação por via do conhecimento histórico ou legal, essa resposta vem em forma da violência física. O que mais uma vez ocasiona a punição dos discriminados.

A análise das etapas de formação da negritude<sup>15</sup>, formuladas por Cross Jr. são elucidativas. Demonstram como sujeitos passam da apatia e da estabilidade no interior da negação do preconceito e da discriminação para comportamentos cada vez mais conscientes, até a superação da racialidade, para um processo de plena humanização. Ou que se estabilizem em alguma fase em que seja possível reconhecer o preconceito e a discriminação e atuar individualmente, por meio de mecanismos de autovalorização, já que todo processo de construção de identidade é dinâmico e está em permanente reconstrução.

O autor Hédio Silva<sup>16</sup> concluindo a partir de um estudo acerca do estado da arte das pesquisas sobre a discriminação nas escolas brasileiras expõem que ao pensar uma educação para a igualdade racial deve-se ter como áreas prioritárias: primeiramente ações complementares, formação / capacitação de docentes, conteúdos

---

<sup>14</sup> PARE IN: SILVA, 2002 p.44.

<sup>15</sup> CROSS IN: SILVA, 2002, P.45.

<sup>16</sup> SILVA, 2002 p.73.

e seleção e produção de material didático e paradidático, ensino superior: acesso e permanência e centros de pesquisa.

De fato as sugestões do autor Hédio Silva acima citadas, junto com a atuação das instancias do movimento negro, resultaram na implementação da Lei 11.645 e no projeto de formação de professores “A cor da cultura”. O projeto fornece material didático pensado por um à equipe de pesquisadores da área. O material é distribuído às escolas pelo governo federal e inclui inúmeras saídas para a abordagem das temáticas acerca das africanidades. Em formatos diversificados: jogos, filmes, documentários, livros animados. O projeto estrutura pela utilização dos valores civilizatórios africanos no espaço escolar a restituição desta história por tanto tempo negada.

O universo semântico pejorativo – expressões como “bolinho queimado”, “piche”, “carvãozinho” – é um aspecto importante do cotidiano escolar, sobretudo com as crianças menores.<sup>17</sup> A linguagem conserva de forma eficiente os preconceitos característicos de nossa formação social. Os resquícios do patriarcalismo, do sexismo e do racismo estão presentes em diversas expressões do português, e ditados populares. Precisamos refletir sobre a linguagem adotada em todos os espaços de convivência e reformular esta linguagem. Muitos acreditam que é somente a forma como se fala e não o que se fala. De fato o tom de voz diz muito sobre o momento da discriminação. Porém ao refletirmos acerca da linguagem utilizada e seus reais significados conseguimos modificar também nossa postura.

E aquela situação mais corriqueira de não nomear o pertencimento racial das pessoas negras aparece de maneira bastante dificultosa no ambiente escolar. Usa-se qualquer artifício para não dizer “o negro”. Então é “o escurinho”, “o moreninho”, “o pardo”, e com isso você não dá possibilidade de constituir pertencimento racial de maneira positiva pra criança, não consegue levar a criança a se identificar como negro<sup>18</sup>, Aqui também se ouve que às vezes as pessoas se ofendem ao serem reconhecidos como negro ou negra, porém em espaços em que a identidade étnica é trabalhada de forma consistente estas questões passam a ser superadas. Explicar o

---

<sup>17</sup> SANT'ANNA, 2004, p.28.

<sup>18</sup> SANT'ANNA, 2004, p.28.

porquê de utilizar esta expressão e não outras é também eficiente para construção da identidade étnica.

Outra situação enfrentada pelas crianças negras e brancas no ambiente escolar é a distribuição desigual de estímulos e afetos. “A distribuição desigual de estímulo e de afeto é outro elemento importante das relações interpessoais no cotidiano escolar. Parte desse não conhecimento, parte dessas ideologias racistas, dessa idéia de que o negro tem mau cheiro que lhe é peculiar, você percebe no dia-a-dia a dificuldade que muitos profissionais têm de se aproximar das crianças negras, de elogiar, de dizer que é bonito, e, sobretudo de dizer que é inteligente. É gritante o fato de que muitas profissionais da educação, e profissionais homens também, elogiarem mais as atividades realizadas pelas crianças brancas, do que pelas crianças negras. E é muito sutil ao mesmo tempo, porque você elogia, mas de uma maneira diferenciada. Para a criança branca você elogia a atividade, o desempenho, sobretudo, e faz uma avaliação pessoal. Então se a atividade está certa, está bem-feita, você é bonito, você é inteligente. Mas para criança negra vem à avaliação mais em relação à atividade do que à pessoa. Então a atividade está certa, está tudo ok, mas esse elogio pessoal, que a gente sabe que é fundamental para o desenvolvimento pessoal, é mais difícil pra essa parcela da população<sup>19</sup>”.

O impacto da família sobre a vida escolar dos filhos, observou que o apoio familiar para a realização dos deveres de casa, influi reduzindo a média de repetência. Um fator preocupante é que a maioria das famílias de classes populares não tem condições de colaborar na realização dessas atividades, seja porque trabalham o dia todo, seja pelo baixo nível de escolarização<sup>20</sup>“. Assim fica evidente que a escola deve trabalhar de outra forma o tempos das atividades, para evitar este tipo de exclusão. A melhor forma de evitar estas dificuldades é conhecendo as limitações da comunidade em que se está inserido.

Quanto à auto percepção dos alunos como estudantes, merece destaque o fato de que a maioria (57%) responsabiliza a si próprio pela repetência. E este sentimento de fracasso pessoal não impede que esse mesmo grupo continue gostando de

---

<sup>19</sup> SANT'ANNA, 2004, p.28.

<sup>20</sup> SILVA, 2002 p.48.

freqüentar a escola. Um número significativo de alunos acha que a professora “não liga para eles, não os percebe, nem os valoriza”<sup>21</sup>. A criança e o adolescente não dispõem das mesmas condições de analisar o contexto ao seu redor que um adulto. Para, além disso, transferir a culpa pela reprovação somente para si pode levar o educando a crer que a escola não é o seu lugar e que ele deve buscar alternativas para viver.

Os problemas relacionados à negação da diversidade na composição da equipe de profissionais, no sistema público é possível pensar que ingresso por concurso contribua para uma participação mais equânime e menos discriminatória. No entanto, dado o perfil das desigualdades raciais existentes no país, isso não ocorre. O que se percebe é a presença mais acentuada de negros em funções operacionais – nas funções de merendeiras, faxineiras e secretárias – e uma participação menor nas salas de aula. Examinando a hierarquia do sistema educacional, os negros desaparecem. Na coordenação pedagógica, na diretoria escolar, na secretaria de educação os negros desaparecem<sup>22</sup>.

Novamente aí se percebe a influencia das ideologias supracitadas não apenas no ideário coletivo, mas também nas históricas desigualdades delas decorrentes, a partir das quais as pessoas negras tiveram menos acesso á escola formal e, por isso mesmo, só conseguem postos que exigem menos formação<sup>23</sup>.

O que está na sociedade, aparece também na sala de aula. É importante para nós entendermos que nesse cotidiano, nos adultos que estão tendo contato com essas crianças, vão sinalizar pra ela quem é ou quem são as pessoas valorizadas na sociedade. Na medida em que, nessa posição de chefia, nessa posição de poder, só é apresentada a elas a pessoa branca, estamos colaborando para que ela também quando adultas, acabem reproduzindo essas situações na sua vida social<sup>24</sup>.

“Para a criança negra, esse cotidiano gesta um sentimento de inferioridade em relação ao pertencimento racial, ao aspecto intelectual, de beleza estética, de valores morais, éticos e culturais”. Emerge a situação de inadequação social, [...] Você tem uma situação de vergonha, de medo e de raiva”. Por outro lado, para a criança branca “toda

---

<sup>21</sup> PORTELA IN: SILVA, 2002, P.48.

<sup>22</sup> CAVALLEIRO IN: SANT’ANNA, 2004, p.28-29.

<sup>23</sup> LIRA, 2010, p. 25.

<sup>24</sup> SANT’ANNA, 2004, p.29.

essa experiência é bastante negativa porque você gesta um sentimento de superioridade, um sentimento que é irreal. Nós sabemos que não há superioridade, mas muitas crianças estão vivendo essa oportunidade de crescer com essa idéia de que é superior, de que pode tudo, de que pode mais, e nós sabemos o quanto isso, na vida adulta, pode trazer conseqüências negativas – sobretudo quando nós consideramos que racismo é crime “<sup>25</sup>.

A conceituação clara dos princípios da educação anti racista e suas características permitem visualizar ligações importantes com as tendências contemporâneas pensadas para a atualização do espaço escolar. Estas propostas que visam criar uma escola mais inclusiva e cidadã. A partir deste intercruzamento podemos perceber o quanto à pedagogia anti racista se faz importante e atual.

## **2. A pedagogia anti racista e as propostas de atualização do contexto escolar.**

Segundo a autora Petronilha a aplicação da Lei 11.645 resulta em novas metodologias que buscam<sup>26</sup>: ensinar e aprender como os descendentes de africanos vêm normais de quinhentos anos de Brasil, construindo suas vidas e suas histórias, no interior do seu grupo étnico e no convívio com outros grupos; conhecer e aprender a respeitar as expressões culturais negras que compõem a história e a vida de nosso país, mas, no entanto, são pouco valorizadas; compreender e respeitar diferentes modos de ser, viver, conviver e pensar; discutir as relações étnicas, no Brasil, e analisar a perversidade da assim designada *democracia racial*; refazer concepções relativas à população negra, forjadas com base em preconceitos. Ajudar os alunos a compreender que ninguém constrói sozinho as concepções a respeito de fatos, fenômenos, pessoas; que as concepções resultam do que ouvimos outras pessoas dizerem, resultam também de nossas observações e estudos; lançar desafios para que seus alunos ampliem e/ ou reformulem suas concepções prévias, incentivando-os a pesquisar, debater, trocar idéias, argumentando com idéias e dados; incentivar a observação da vida cotidiana, observações no contexto da sala de aula, a elaboração de conclusões, a

---

<sup>25</sup> SANT'ANNA, 2004, p.29.

<sup>26</sup> SILVA, 2003, p. 27.

comparação entre concepções construídas tanto a partir do senso comum como a partir do estudo sistemático.

Mas a parte mais importante se constitui<sup>27</sup> nas reflexões importantes no interior do profissional docente: de acordo com Silva, deveriam combater os *próprios preconceitos, os gestos de discriminação tão fortemente enraizados na personalidade dos brasileiros*, desejando sinceramente superar sua ignorância relativamente à história e à cultura dos brasileiros descendentes de africanos; Significa acima de tudo pensar constantemente suas ações e suas reações mediante as situações de discriminação. A famosa frase “o negro discrimina a si mesmo”, diz muito acerca desta cultura discriminatória que partilhamos. Com esta frase justificamos nosso silêncio e culpabilizamos a vítima da situação discriminatória. Justamente as duas ações mais praticadas no espaço escolar mediante uma situação de conflito racial segundo as pesquisas.

Outro aspecto metodológico presente na práxis da Lei 11. 645 é a pedagogia de projetos em conjunto com o protagonismo do educando. Organizar seus planos de trabalho, as atividades para seus alunos, tendo presente o ensinamento de Lopes de que na cultura de origem africana só tem totalmente sentido o que for aprendido pela ação, isto é, se, no ato de aprender, o aprendiz executar tarefas que o levem a pôr a *mão na massa*, sempre informado e apoiado pelos mais experientes. Dizendo de outra maneira, aprender-se realmente o que se vive e muito pouco sobre o que se ouve falar<sup>28</sup>.

A autora Petronilha nos elucida que as<sup>29</sup> Africanidades Brasileiras, no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, conduzem a uma pedagogia anti racista, cujos princípios são: o respeito, entendido não como mera tolerância, mas como diálogo em que seres humanos diferentes miram-se uns aos outros, sem sentimentos de superioridade ou de inferioridade. A reconstrução do discurso pedagógico, no sentido de que a escola venha a participar do processo de resistência dos grupos e classes postos à margem, bem como contribuir para a afirmação da sua identidade e da sua cidadania. O que nos encontros e desencontros de umas com as outras se fizeram

---

<sup>27</sup> SILVA, 2003, p. 27.

<sup>28</sup> SILVA, 2003, p. 27-28.

<sup>29</sup> SILVA, 2003, p. 28.

e hoje não são mais gêge, nagô, bantu, portuguesa, japonesa, italiana, alemã, mas brasileira de origem africana, européia, asiática.

A autora Elaine Cavalleiro traça as características de uma educação anti racista de forma convergente com os princípios acima elucidados: reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira. Busca, permanentemente, uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negras e brancas, sejam respeitadas. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos os alunos. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira. Busca materiais que contribuam para a eliminação do “eurocentrismo” dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de “assuntos negros”. Pensa os meios e as formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados<sup>30</sup>.

Como contribuição ao trabalho dos educadores conscientes de que é preciso respeitar a diversidade e aprender a conviver com a mesma, se queremos efetivamente um mundo cidadão, apontamos algumas sugestões de praticas que envolve o diálogo, a reflexão, a tomada de iniciativas, e de decisão, no sentido de perceber e aceitar o outro em sua diversidade. 1. Desconstrução das verdades sobre si mesmo, sobre os negros, sobre a África e a cultura afro-brasileira. 2. Reconhecimento do negro como sujeito da própria história nos diferentes espaços da sociedade, suas histórias, suas formas de pensar e conceber a realidade e seu jeito de ser, rompendo assim com as imagens negativas que foram forjadas ao longo do tempo pela história oficial<sup>31</sup>.

A proposta da educação antirracista é mais que uma necessidade urgente e contemporânea. Através da utilização dos valores civilizatórios africanos, só para citar alguns exemplos, trazendo a oralidade, o comunitarismo, o axé e a corporeidade para a sala de aula compõem-se de aspectos importantes na filosofia e na cultura dos afro-

---

<sup>30</sup> CAVALLEIRO IN: SILVA, 2002 p.54.

<sup>31</sup> PAULA, 2009, p.41.

brasileiros. Estes aspectos embora reconhecidos já nos reinos africanos, antes do contato com os europeus, compõem em si algumas das mais recentes propostas de atualização e ressignificação da educação.

Irmana-se com a interdisciplinabilidade, quando propõem trazer para sala de aula a história dos alunos e amarrá-la com as outras disciplinas. Necessita de uma visão interdisciplinar para poder concretizar projetos mais completos. As Africanidades Brasileiras<sup>32</sup> abrangem diferentes aspectos, não precisam, por isso, constituir-se numa única área, pois podem estar presentes em conteúdos e metodologias, nas diferentes áreas de conhecimento constitutivas do currículo escolar.

Para além dos conteúdos e temáticas que são naturalmente interdisciplinares é também no combate ao racismo que esta possibilidade pode vir à tona. Uma vez que mais estudos de observação direta e descrição do campo das relações em sala de aula sejam levadas a efeito, as dinâmicas cotidianas de exclusão virão à luz, o que poderia tornar-se, efetivamente, objeto de procedimentos interdisciplinares, tanto quanto de observação rigorosa de leis que protejam crianças em situação de discriminação e sofrimento mental<sup>33</sup>.

Alguns dos conceitos presentes na cosmovisão africana e afro-brasileira só serão possíveis de compreensão através da transdisciplinabilidade. Acontece que esta é uma forma oriental de se ver o mundo onde tudo esta interligado. Estudar conceitos do todo para as partes, ou o todo e as partes de forma coordenada e planejada entre diversos profissionais auxilia os educandos a uma visão mais próxima da nossa realidade atual. O desenvolvimento do pensamento complexo de Edgard Morin<sup>34</sup> permite atrelar a esta cosmovisão em que tudo aparece interligado e interdependente, para entender a religiosidade afro-brasileira precisamos desta visualização.

O desenvolvimento da espiritualidade<sup>35</sup> é outro aspecto importante que deve ser considerado nesta proposta de educação antirracista. Ao adentrarmos a escola não

---

<sup>32</sup> SILVA, 2003, p. 28.

<sup>33</sup> SILVA, 2002, p. 42.

<sup>34</sup> Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.p.25.

<sup>35</sup> Uma visão espiritual do mundo é um paradigma global: enfatiza a conexões humanas entre as pessoas por meio das fronteiras políticas, [...]. É uma referencia á vida, uma atitude de respeito e referência a

deixamos nossas crenças guardadas em casa. O que os ambientes educativos fazem constantemente é o reforço aos preconceitos vigentes acerca da religiosidade afro-brasileira. O despreparo faz com que ações bem intencionadas, acabem reforçando o preconceito e a discriminação. A religiosidade é um aspecto latente dos brasileiros devemos aproveitá-lo para o diálogo em sala de aula. As tradições de matriz africana permitem um amplo conhecimento filosófico, diretamente relacionado com a questão ambiental uma vez que os orixás são forças da natureza. Porque não aproveitar este conhecimento que nossos educandos já trazem com eles, e desconstruir a intolerância religiosa, tema que se faz atual novamente em nossos espaços de convivência.

Precisa ser desenvolvida através de uma pedagogia de projetos, pois é apoiada em uma práxis pedagógica marcada por utilização de ações concretas em que desenvolvem os conceitos teóricos simultaneamente com a prática pedagógica.

A pesquisa é essencial para o projeto de educação antirracista, pois tanto professor como aluno estará constantemente desconstruindo materiais didáticos, aspectos da mídia e da sociedade ao seu redor. Além disto, mesmo com as formações voltadas para a questão da Lei 11.645, cabe ao educador à seleção e composição do material que será a base para o desenvolvimento em sala de aula, e muitas vezes as temáticas solicitadas pelos alunos não estarão disponíveis em livros didáticos ou paradidáticos. O educador assume então o papel de mediador no processo de descoberta do educando.

Outro aspecto importante desenhado nesta pedagogia é partirmos do conhecimento do educando e de suas vivências para com a diversidade. Esta é a forma mais fácil para a desconstrução necessária referente ao racismo. A ação consciente e direcionada nas situações em que o preconceito racial ocorre. E o preparo dos educandos para esta reação a partir do conhecimento e não da violência é essencial, para romper o silenciamento acerca do racismo.

O desenvolvimento de temáticas pertinentes à educação anti racista deve-se principalmente a atacar de forma clara e objetiva os desconhecimentos que leva-nos a internalizar pensamentos discriminatórios. Logo ao saber o porquê da diferença e como

---

transcendência da Origem da nossa existência. YUS, Rafael. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002. (p.113).

esta ocorre não teremos medo dela, não nos consideramos superiores e podemos ter cumplicidade para aqueles que sofrem ao nosso redor independente das suas características étnico-raciais.

O multiculturalismo é outra discussão que se insere na pauta da pedagogia e tem dimensões convergentes com a educação anti racista. Conforme Candau a sociedade brasileira é diferente daquele das sociedades européias ou da sociedade estadunidense. Nesse sentido, enfatizam-se a descrição e a compreensão da construção da formação multicultural de cada contexto específico. A perspectiva prescritiva entende o multiculturalismo não simplesmente como um dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social. Trata-se de um projeto, de um modo de trabalhar as relações culturais numa determinada sociedade e de conceber políticas públicas nessa direção. Uma sociedade multicultural constrói-se a partir de determinados parâmetros<sup>36</sup>.

Conforme Candau evidencia núcleos para uma educação na interculturalidade: desconstrução desnaturalização de preconceitos e estereótipos, e questionamento do etnocentrismo e do caráter monocultural presentes em nossas políticas educativas e em nossos currículos. Articulação entre igualdades e diferenças nas políticas educativas e práticas pedagógicas através do reconhecimento e valorização das diferenças permitindo que ao ingressar nos espaços escolares todos possam se reconhecer. Resgate dos processos de construção das identidades culturais, tanto no nível pessoal como coletivo, com utilização das histórias de vida e das comunidades sócio-culturais. Processo de dialogo e interação com outro de forma constante para relativizar nossa própria maneira de situarmos no mundo. Empoderamento dos grupos que historicamente tiveram menos poder de influir na sociedade tem uma dimensão coletiva através de ações afirmativas. Há também uma relação pontual com o individuo uma vez que este resgata a sua autoestima<sup>37</sup>.

Existem bons exemplos de educação não formal colocando em prática efetivamente estas iniciativas educacionais. Os “blocos afros”, na cidade de Salvador. São classificados como organizações culturais por sua forte referencia na “Tradição dos

---

<sup>36</sup> CANDAU, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. p.50.

<sup>37</sup> CANDAU, 2008, 53-54.

Orixás”. Possuem uma dualidade entre manifestações artísticas e suas práticas nos terreiros de Candomblé, e isso lhes permitem atuar em várias esferas da vida social. Á partir da década de 70, eles vão funcionar como importantes núcleos de protesto político dos negros, em Salvador. De suas experiências educacionais vem surgindo grande efeito na formação multicultural da sociedade<sup>38</sup>.

As oficinas realizadas na escola em turno inverso estão especialmente na escola pública efetuando este papel de forma interessante. É o espaço onde as crianças tem contato com outras formas de aprender, e instauram a práxis de alguns dos valores civilizatórios africanos ainda que nem sempre sejam direcionadas para questões étnicas, as propostas de oficina sempre incluem a construção do conhecimento por meio da prática e em conjunto.

Sabemos que existe grande resistência dos professores na implantação de novas formas de lecionar, pois isto exige muito trabalho e modificação da forma de pensar dos colegas ao redor. Além disso, muitas vezes o espaço escolar está engessado nas concepções bancárias sobre a escola. Porém quando observamos os avanços alcançados pelos alunos que são trabalhados em sua identidade e o resgate de sua autoestima visualizamos o quanto é importante rompermos este paradigma. Precisamos fazer a opção por manter nossos alunos na escola, e que eles sintam-se felizes por completo neste espaço na maior parte do tempo. Não se trata de acabar com os conflitos e sim de gerenciá-los com conhecimento, e aproveitá-los para a construção de uma educação que resulte em uma postura inclusiva.

As escolas e seus integrantes precisam reconhecer os seus “não saberes”. E para atacar estas lacunas pedir auxílio à comunidade do entorno para compor propostas inovadoras e acolhedoras. O saber da comunidade pode e deve ser aproveitado, devidamente remunerado, e incluído no espaço escolar. Precisamos formar parcerias com a educação não formal e trazê-las para a sala de aula. As artes sob todos os seus formatos precisam estar no espaço escolar, à música, a dança, o teatro e a pintura são formas eficientes de transmutar o conhecimento em ação unindo-os com o sentimento. Assim encontraremos a inclusão da diversidade com o desenvolvimento de conhecimentos pertinentes aos educandos. Mais do que uma

---

<sup>38</sup> GONÇALVES, 2006.p.88.

listagem imensa de conteúdos só para alguns escolhidos. E sim a capacidade de aprender e buscar o conhecimento conforme suas futuras necessidades para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAUI, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro v. 13 n. 37 jan./abr. 2008 45-56

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIRA, Lílian Conceição da Silva Pessoa de. *A identidade como elemento elucidativo da diferença e garantia do princípio da igualdade: Uma contribuição pedagógica da resistência do povo negro*. In: LIRA, Lílian Conceição; SILVA, Marcos. (Orgs.). *Negritude e Branquitude: Razões da desigualdade*. São Leopoldo: CECA/ CEBI, 2010.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PAULA, Claudemir da Silva. *Branquitude X Negritude: Considerações sobre a prática de inclusão em sala de aula*. REVISTA DO PROFESSOR, Porto Alegre, Ano 25, Número 99: 37-41. jul/set. 2009.

SANT'ANNA, Wânia. *Marco Conceitual do Projeto A Cor da Cultura*. 2004. Acesso em: 07.06.2012 Disponível em [www.iserj.net/wp-content/plugins/download.../download.php?id=93](http://www.iserj.net/wp-content/plugins/download.../download.php?id=93)

SILVA, Hédio Júnior. *Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Africanidades brasileiras: Esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos*. REVISTA DO PROFESSOR, Porto Alegre, Ano 19, Número 73: 26-30, jan./mar. 2003.

YUS, Rafael. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.